

pelos órgãos de fomentos – *Capes e Cnpq* – que condicionam as Universidades, cujos critérios de avaliação das publicações são puramente quantitativos, burocráticos e produtivistas. Processo sem a preocupação com a qualidade das publicações, pautando-se pela quantidade ao invés da qualidade acadêmica. Essa situação pode impactar negativamente o Boletim, mesmo com todo o cuidado de seu corpo editorial, mas que não está imune a esse processo que, em última instância, é ‘a produção pela produção’.

Neste sentido, não poderemos perder de vista a história do Boletim, de sua gênese, seu espírito de luta comprometido com as transformações sociais como uma publicação diferenciada que lhe deu reconhecimento pela ideia da formação crítica do sujeito.

Penso que, desta forma, o Boletim estaria cumprindo a sua função como uma revista de produção científico-acadêmica ao confrontar-se com a lógica do produzir por produzir, que não tem a menor preocupação com o que está sendo produzido e na forma como vem sendo produzido.

O Boletim, ao longo de sua existência, consolidou a sua trajetória, pautando-se pela pluralidade de temas, de abordagens e referências teóricas, no ensino e na pesquisa, bem como pela preocupação com a inserção social de sua produção.

Isto não tem sido fácil devido aos limites impostos ao desenvolvimento de um alto nível de trabalho na universidade nos últimos anos. Da restrição política à liberdade intelectual desencadeada pela ditadura, aos constrangimentos materiais mais recentes, ele se tornou um imperativo para o Centro como canal de divulgação e de intercâmbio de conhecimento.

Uma última palavra ao Boletim: vida longa.

E que ele possa encarar com maturidade e naturalidade a velhice. Essa é para todos.

## ALGUMAS CONTRIBUIÇÕES DA SOCIOLOGIA NORTE-AMERICANA PARA PENSAR OS DESAFIOS DA VIDA URBANA: SUBSÍDIOS PARA A DISCIPLINA DE SOCIOLOGIA NO ENSINO MÉDIO<sup>1</sup>

Maria José de Rezende<sup>2</sup>

**Resumo:** *Este estudo tem a finalidade de introduzir os estudantes do ensino médio nas discussões produzidas pela Escola de Sociologia de Chicago nas décadas de 1920 e 1930. Considera-se fundamental que os alunos entrem em contato com algumas reflexões - mesmo que ainda bastante introdutórias - desenvolvidas acerca dos diversos comportamentos dos indivíduos no espaço urbano. As temáticas problematizadas sociologicamente pelos cientistas sociais norte-americanos são dotadas de grande atualidade e podem proporcionar uma compreensão mais precisa acerca do ofício do sociólogo, uma vez que eles estavam diante de inúmeros desafios gerados pela urbanização, pela migração, pela criminalidade, pela violência, pela degradação de bairros e das condições de moradia. Os materiais produzidos pelos sociólogos americanos visavam ajudar a construir pontes para gerar procedimentos de intervenção social. Isso poderá ajudar o aluno do ensino médio a ver a sociologia não somente como um campo de conhecimento teórico-metodológico, mas também como um campo de ações propositivas.*

**Palavras-chave:** *Cidades, espaços urbanos, migrações, conflitos, criminalidade, comportamentos criminosos.*

**Abstract:** *This study aims to introduce high school students in the discussions produced by the Chicago School of Sociology in the 1920s and 1930s. It is considered essential that students come into contact with some thoughts - even if still quite introductory - developed about the various behaviors of individuals in the urban space. The themes sociologically problematized by American social scientists are updated and can provide a more precise understanding about the sociologist's work, once they were faced with many challenges brought by urbanization, migration, crime, violence, deterioration of neighborhoods and housing conditions. The materials produced by American sociologists sought to help build bridges to generate procedures for social intervention. This may help high school students to understand the sociology not only as a field of theoretical and methodological knowledge, but also as a field of propositional actions.*

**Key-words:** *Cities, urban spaces, migration, conflicts, crime, criminal behavior.*

<sup>1</sup> Este texto é parte das atividades desenvolvidas no LENPES (Laboratório de Ensino, Pesquisa e Extensão em Sociologia).

<sup>2</sup> Docente de Sociologia da UEL. Doutora em Sociologia pela USP. Membro do LENPES.

## Introdução

No âmbito do LENPES (Laboratório de Ensino, Pesquisa e Extensão em Sociologia) procura-se desenvolver atividades que ajudem os professores de sociologia do ensino médio a tornar os conteúdos desta disciplina mais acessíveis para os estudantes. Este texto é parte do esforço de tentar encontrar caminhos pelos quais seja possível o ensino e o aprendizado nesta área de conhecimento que, muitas vezes, gera grande estranhamento aos iniciantes.

Considera-se que há uma deficiência de materiais voltados para o ensino médio sobre os autores que conduziram a sociologia, no século XX, a patamares expressivamente complexos. Considera-se que a falta de textos, direcionados a este nível de ensino, que versem sobre os autores que escreveram ao longo do século XX é um complicador a mais para os professores que objetivam ir além dos primeiros autores das ciências sociais (Herbert Spencer, August Comte, Karl Marx, Émile Durkheim, Gabriel Tarde, Georg Simmel e Max Weber).

Em razão disso, busca-se, de modo introdutório, apresentar, aos professores e alunos, alguns elementos preliminares da sociologia desenvolvida nos anos 20 e 30 do século XX, nos EUA. Esclarece-se, todavia, que serão discutidos aqui somente alguns cientistas que ficaram conhecidos como pertencentes à chamada Escola de Sociologia de Chicago. Objetiva-se, assim, incentivar algumas reflexões sobre aquelas temáticas presentes nas obras de alguns autores que marcaram o pensamento e a teoria social no decorrer do século XX. O ensino e a aprendizagem tornam-se mais proveitosos se houver uma contextualização histórica dos temas e dos problemas alimentadores dos debates que deram vida às análises empreendidas há pouco mais de 80 anos.

Não é possível, no âmbito de um artigo somente, dar conta de um conjunto de obras e autores que se empenharam em entender a vida nas cidades e os comportamentos urbanos em suas diversas maneiras de manifestação. Por isso, a

composição deste artigo se deu a partir da seleção de alguns autores e temáticas. Serão apontadas as contribuições da Escola de Sociologia de Chicago para a análise da vida urbana e dos conflitos que vão compondo os múltiplos espaços que formam as metrópoles.

A compreensão da vida urbana foi um desafio extraordinário lançado à Sociologia desde o seu início. Mas não há dúvida de que Georg Simmel (1858-1918) lançou as pedras fundamentais na construção de um entendimento sociológico da vida nas cidades. Muitos cientistas, ao longo do século XX, se beneficiaram de suas reflexões elucidativas sobre o tecido social construído, destruído, reconstruído continuamente pelas formas diversas de interações sociais produzidas e reelaboradas constantemente. Essas interações são capturadas de modo distinto conforme as olhamos mais próximas e/ou mais distantes. Simmel (2006) afirma que as diferentes distâncias geram conhecimentos distintos sobre o objeto estudado. Ao se lançar um olhar panorâmico tem-se um tipo de compreensão das interações sociais, enquanto que uma mirada mais próxima fornece outro entendimento mais nuançado, mais detalhado, mais pormenorizado.

“Quando vemos um objeto tridimensional que esteja a dois, cinco, dez metros distante, temos uma imagem diferente a cada vez, e, a cada vez, uma imagem que estará ‘correta’ ao seu modo e somente nesse modo, e é também no escopo desse modo que se cria margem para equívocos” (SIMMEL, 2006, p.13).

Simmel faz a seguinte afirmação que ajuda muito a entender os percursos que foram feitos, ao longo do século XX, pela sociologia que se ocupou da complexidade da vida social e de suas interações no meio urbano:

“Que os homens se olhem uns aos outros, e que eles sejam invejosos entre si; que eles troquem cartas ou almoquem juntos; que eles, inteiramente independentes de quaisquer interesses

compreensíveis, se achem simpáticos ou antipáticos; que a gratidão e uma obra altruísta ensejem um efeito ligador contínuo e ilacerável; que um pergunte ao outro sobre o caminho e que eles se vistam e se enfeitem uns para os outros – todas as milhares de relações, de pessoa a pessoa, momentâneas ou duradouras, conscientes ou inconscientes, inconsequentes ou consequentes, das quais estes exemplos foram colhidos aleatoriamente, atam-nos incessantemente. A cada instante esses fios são tecidos, desatados, retomados, substituídos por outros, entrelaçados a outros. Aqui repousam as interações, só acessíveis à microscopia psicológica, entre os átomos da sociedade, que sustentam a tenacidade e a elasticidade, a variedade e a unidade desta vida tão nítida e tão enigmática da sociedade<sup>3</sup>” (SIMMEL apud WAISBORT, 1999, p.94).

### A Escola de Sociologia de Chicago: alguns aspectos introdutórios

Considera-se que um excelente ponto de partida para o estudo da Sociologia no século XX são as discussões desencadeadas entre 1915 e 1940 pela chamada Escola Sociológica da Universidade de Chicago (EUA). Os trabalhos que foram considerados representantes dessa Escola, que era constituída por reflexões bastante distintas e diversas<sup>4</sup> (COULON, 1995), versavam sobre muitos temas, tais como: imigração, relações étnicas, desorganização social, ecologia urbana<sup>5</sup>, distância cultural, criminalidade, gangues, delinquência juvenil, entre outros.

<sup>3</sup> Essa passagem pode ser encontrada ainda em SIMMEL, 2006, p.16-17.

<sup>4</sup> H. Becker afirma que um de seus professores, Louis Wirth, afirmava “que não entendia o que as pessoas queriam dizer quando falavam em uma ‘Escola de Chicago’, pois não conseguia pensar em nada que fosse comum a todos lá dentro” (BECKER, 1990, p.118).

<sup>5</sup> A ecologia urbana é o estudo das relações, das disputas, dos enfrentamentos, dos conflitos entre grupos diversos num mesmo território. Robert Park afirmava que a sociologia urbana analisa os arranjos e rearranjos construídos pelos muitos grupos populacionais que habitam a cidade e compartilham atividades diversas, ou seja, econômicas, políticas, culturais e sociais. Sobre isto ver: (Joseph, 2005 e Park, 1979).

Não há dúvida de que entre os diversos cientistas sociais clássicos, Simmel (1979) é aquele que mais influência exerceu sobre os pesquisadores que formaram esse grupo de intérpretes do mundo urbano a que se convencionou chamar Escola de Chicago<sup>6</sup>. As influências são visíveis, tanto no modo deles estudarem a sociedade quanto na maneira de a conceberem.

“A sociedade, cuja vida se realiza num fluxo incessante, significa sempre que os indivíduos estão ligados uns aos outros pela influência mútua que exercem entre si e pela determinação recíproca que exercem uns sobre os outros. A sociedade é também algo funcional, algo que os indivíduos fazem e sofrem ao mesmo tempo, e que, de acordo com esse caráter fundamental, não se deveria falar de sociedade, mas de *sociação*” (SIMMEL, 2006, p.18).

Sociação é um termo utilizado por Simmel para explicar que a sociologia se ocupa tanto das interações duradouras (aquelas desencadeadas no âmbito da família, do Estado, do sindicato, das associações, das classes) quanto das interações fugazes (desencadeadas através dos olhares que trocamos na fila do ônibus, do modo como somos (des)tratados numa loja, num restaurante, do desprezo que se percebe nos gestos e olhares de alguns indivíduos, dos descasos com os quais são tratados os indivíduos discriminados por serem pobres, negros, velhos, mulheres, etc.). A vida social não é formada somente por interações desenvolvidas no âmbito do “Estado, família, corporações, igrejas, classes, associações, etc., mas também

<sup>6</sup> Albion Small (1854-1926), um dos principais batalhadores pelo desenvolvimento da sociologia norte-americana, em geral, e pela sociologia da universidade de Chicago, em particular, conheceu pessoalmente Simmel, ainda jovem, quando foi estudar em Berlim. Ele foi pioneiro no ensino de sociologia alemã nos EUA, sendo também um dos primeiros a incentivar os alunos a fazerem “pesquisas de campo ativas e observações diretas e [a não se entregarem] a reflexões teóricas ‘de poltrona’” (COULON, 1995, p.15). Small traduziu e publicou diversos trabalhos de Simmel nos EUA (BECKER, 1990, p.119).

por inúmeras formas de relação e modos de interação entre os seres humanos que aparecem em casos isolados e de maneira insignificante, mas que, inseridos nas formalizações ditas oficiais e abrangentes, sustentam, mais que tudo, a sociedade como tal a conhecemos” (SIMMEL, 2006, p.16).

A Escola de Sociologia de Chicago<sup>7</sup> esteve voltada para compreender não somente as relações duradouras, mas também as muitas nuances das relações fugazes que eram capazes de revelar as atitudes individuais, os valores sociais, as desorganizações e as reorganizações sociais, a desmoralização de grupos inteiros, a assimilação e as distâncias culturais que iam se criando e se reelaborando continuamente (COULON, 1995).

As investigações realizadas pelos cientistas da Escola de Sociologia de Chicago valorizavam – com o objetivo de investigar detalhadamente as atitudes, os valores, os comportamentos de indivíduos e grupos sociais - especialmente a pesquisa empírica<sup>8</sup>. Para eles, era necessário trabalhar, de modo minucioso, a realidade estudada. Fazia-se necessário, então, levantar dados precisos e informações detalhadas acerca dos aspectos selecionados para a investigação social. Isso exigia estudos sobre aspectos pormenorizados da vida social, como, por exemplo, estudar os valores e as atitudes de grupos urbanos que poderiam estar presentes tanto nas grandes quanto nas pequenas cidades.

O dado mais relevante dessa escola de pensamento estava no seu modo de recusar toda e qualquer explicação eugênica<sup>9</sup> do

<sup>7</sup> No Brasil, um dos melhores estudos sobre a Escola de Sociologia de Chicago é de Mário Eufrásio, ver: (EUFRÁSIO, 1999).

<sup>8</sup> “É importante não confundir, como ocorre com muita frequência, as palavras empírico e empirismo. A primeira refere-se à coleta de dados no mundo social para testar, gerar ou interagir com as proposições da ciência social, enquanto, (...) a escola de pensamento empirista acredita que os fatos falam por si mesmos e não requerem nenhuma explicação via engajamento teórico” (MAY, 2004, p.25).

<sup>9</sup> A ciência eugênica é aquela que supõe que as melhorias no espaço urbano devem ser feitas através de medidas que afastem do meio social aqueles grupos indesejáveis. Os problemas e conflitos devem ser extirpados para que não se reproduzam.

espaço urbano. A delinquência, os crimes e os conflitos eram mostrados como resultado de encontros de diversos grupos que disputavam um mesmo espaço, ou seja, o urbano. Estudava-se, então, o próprio julgamento do que era ou não aceito como atitude de urbanidade.

William Thomas (1863-1947) foi um dos cientistas sociais de maior relevância nos EUA. Suas principais discussões foram desenvolvidas entre a primeira década do século XX e a década de 1930. Elas serviram como pano de fundo para as pesquisas que ficaram conhecidas como pertencentes à Escola de Sociologia de Chicago, mesmo não estando ele lecionando na Universidade de Chicago<sup>10</sup> entre 1920 e 1940. Alain Coulon (1995) afirma que W. Thomas e F. Znaniecki (2004) construíram um caminho (um método) que foi utilizado como uma bússola por vários cientistas sociais americanos nas décadas de 1920 e 1930.

Quais eram as preocupações de William Thomas (2001) que foram tomadas como essencialmente relevantes pelos demais estudiosos do ambiente urbano norte-americano nas quatro primeiras décadas do século XX? Ele se ocupou em estudar a organização dos diversos grupos no ambiente urbano, entre os quais principalmente os imigrantes. Thomas procurava conhecer como estes últimos se organizavam, se desorganizavam e voltavam a se reorganizar. Segundo ele, não havia uma situação estática de desorganização. Havia um processo dinâmico que não condenava os indivíduos e grupos a uma condição anômica (ou seja, de enfraquecimento dos laços sociais, da solidariedade e das expectativas de integração social). De certa maneira, Thomas estava questionando as análises de acordo com as quais os imigrantes eram vistos como desajustados, desorganizados e criadores de problemas para as sociedades que os acolhiam.

Por que a temática do imigrante entrava tão fortemente nos debates sociológicos do início do século? Mário Eufrásio

<sup>10</sup> William Thomas lecionou na Universidade de Chicago entre 1893 e 1918.

afirma que "(...) nas duas ou três décadas do século XX, a maioria das grandes cidades americanas se compunha de uma população em mais da metade formada por imigrantes estrangeiros e seus descendentes nascidos nos Estados Unidos, constituindo boa parte da classe trabalhadora na indústria e outros ramos da economia. (...) A natureza e a intensidade dos problemas sociais vividos por esses grupos de imigrantes inspiraram muitas das primeiras pesquisas sociais empíricas americanas" (EUFRASIO, 2008, p.1).

William Thomas demonstrava que os imigrantes e seus descendentes não estavam condenados à não-integração, à não-assimilação, à não-organização. Portanto, quando se concebia o imigrante como um grupo problema, esquecia-se de que o migrante, muitas vezes, agia de modo desajustado porque dele não se esperava nada além disso. Os indivíduos desenvolvem formas de agir em resposta ao ambiente que os envolve. Se eles têm de enfrentar um ambiente hostil eles desenvolvem atitudes<sup>11</sup> (disponibilidade para agir) também hostis. "A atitude é um conjunto de ideias e emoções que se transforma em uma disposição permanente num indivíduo e lhe permite agir de maneira estereotipada" (COULON, 1995, p.30).

A proposta sociológica contida nas discussões de William Thomas e de Florian Znaniecki (1882-1958) entrava em choque com as proposições de Emile Durkheim (1858-1917). E por quê? Enquanto Durkheim (1984) insistia que só era possível "explicar os fenômenos sociais pela influência de outros fenômenos sociais<sup>12</sup> e não pela intervenção do nível

<sup>11</sup> "A atitude é a contrapartida do indivíduo aos valores sociais" (THOMAS e ZNANIECKI apud Coulon, 1995, p.30).

<sup>12</sup> Durkheim deixa muito claro por que, para ele, um fato social se explica por outro fato social. Segundo suas convicções, quando agimos para cumprir deveres, por exemplo, não agimos em razão de uma decisão subjetiva, íntima, particular, individual. Agimos em razão de normas, valores, regras, leis definidos fora de nós. A nossa maneira de agir é definida socialmente porque, desde que nascemos, encontramos inúmeras orientações para os nossos procedimentos. "Quando desempenho meus deveres de irmão, de esposo ou de cidadão, quando me desincumbo de encargos que contraí, pratico deveres que estão

individual, Thomas e Znaniecki afirmavam que um fato social é uma combinação íntima dos valores coletivos e das atitudes individuais" (COULON, 1995, p.31).

Os indivíduos são seres conscientes que agem influenciados pelo ambiente no qual estão inseridos. A interferência de razões criadas fora do indivíduo é enorme, mas isso não significa que o ponto de vista subjetivo (condição interna formada por ideias, emoções, sentimentos, (in)disponibilidades) do indivíduo seja apagado ou, seja ainda, tão frágil que não tenha papel algum em sua maneira de agir e pensar.

Os indivíduos refletem sobre o significado de suas ações em razão de suas condições objetivas (valores culturais herdados da sociedade) e subjetivas. "O significado da ação para os indivíduos é fundamental em Thomas, mas veio a ser também uma característica do conjunto da Escola de Chicago" (COULON, 1995, p.31).

As pesquisas de William Thomas<sup>13</sup> e Florian Znaniecki tentaram deixar evidente que as atitudes existiam e eram fundamentais para compreender a vida social. Compreender os problemas dos imigrantes a partir de suas histórias de vida era uma forma de colocar em evidência as suas atitudes. Era também uma forma de buscar explicação para os problemas sociais, com os quais se defrontavam os migrantes, em razão de sua vivência permeada por todos os tipos de discriminação, preconceito e sofrimento. Era necessário levar em conta que havia uma experiência migratória marcada pela insegurança. Os desajustes, os desvios e a desintegração não podiam ser

definidos fora de mim e de meus atos, no direito e nos costumes. Mesmo estando de acordo com sentimentos que me são próprios, sentindo-lhes interiormente a realidade, esta não deixa de ser objetiva; pois não fui eu quem os criou, mas recebi-os através da educação" (DURKHEIM, 1984, p.1; grifo meu).

<sup>13</sup> Robert Park tornou-se professor na Universidade de Chicago aos 50 anos. Iniciou-se na docência a partir de um convite de William Thomas para que trabalhasse naquela universidade durante 1 ano (BECKER, 1999, p.117).

explicados por razões raciais (mal de raça) ou étnicas. Deviam ser explicadas sim pelas “transformações sociais ocorridas em sua vida cotidiana” (COULON, 1995, p.32).

Esse modo de entender a condição do migrante teve um papel fundamental para a Sociologia que passou, ao menos em algumas de suas vertentes, a abandonar as explicações fundadas em elementos biológicos como raça. Esta última não podia, então, ser tida, segundo Thomas, como fator explicativo dos problemas vivenciados por grupos e/ou países e continentes. Ele dizia: “Parto da suposição que a formação de hábitos é responsável em alto grau pelos traços comportamentais dos indivíduos, raças e nacionalidades” (THOMAS, 2001, p.146).

As disposições são, então, geradas por razões sociais e não biológicas. Todavia, os indivíduos e sua subjetividade jogam um papel importante na definição de tais disposições, tanto que não há um padrão único de agir, de atitude, em todos os indivíduos de um mesmo grupo étnico e/ou racial. Por isso, “é inútil falar com segurança de tendências comportamentais biologicamente determinadas em raças e nacionalidades” (THOMAS, 2001, p.146).

Se isso era válido para os grandes grupos, era válido também para os grupos menores. Daí a necessidade de esmiuçar as disposições, a personalidade, os valores, os comportamentos, as experiências, as atitudes daqueles grupos que se pretendesse estudar (que poderiam ser os jovens e/ou os adultos trabalhadores migrantes e/ou não-migrantes, os jovens negros (e/ou brancos) de um bairro específico, entre outros).

Pesquisar, então, tais detalhamentos exigia que o pesquisador se embrenhasse por um tipo de pesquisa de campo que fosse capaz de fornecer dados elucidadores da maneira como os agentes pesquisados definiam e entendiam as suas próprias situações. Com que materiais trabalhar, então? Com relatos, cartas, autobiografias, histórias de vida, diários, depoimentos, entrevistas, etc.

Esses materiais eram vistos com muita desconfiança pelos cientistas sociais até as primeiras duas décadas do século XX<sup>14</sup>. Por isso, para Thomas e Znaniecki foi um desafio produzir, a partir desses materiais, obras que fossem consideradas científicas. Tal forma de conceber a pesquisa foi incorporada por diversos pensadores que compuseram a denominada Escola de Sociologia de Chicago, tais como: Robert Park, Louis Wirth, Everett Hughes, Charles Johnson, Franklin Frazier, Bertram Doyle, William Brown, Frederic Thrasher, Clifford Shaw, Frederic Zorbaugh, Henry Mckay, Leonard Cottrell, Edwin Sutherland, entre outros.

Os sete primeiros cientistas sociais mencionados (Parker, Wirth, Hughes, Johnson, Frazier, Doyle, Brown) estiveram envolvidos em pesquisas tanto sobre relações e tensões étnicas e raciais quanto sobre comportamentos urbanos diversos (rivalidades, conflitos, adaptação, assimilação, desorganização, migração, valores e atitudes urbanos). Os demais (Thrasher, Shaw, Zorbaugh, Mckay, Cottrell e Sutherland) desenvolveram várias pesquisas sobre criminalidade urbana (delinquência juvenil, organização de gangues, crime organizado, etc.).

#### *As cidades e os comportamentos urbanos: a análise de Robert Park*

Robert Park (1864-1944) foi o mais importante sociólogo da Escola de Chicago. Vários outros expoentes desse grupo foram alunos dele, tais como Charles Johnson, Bertram Doyle e Emory

<sup>14</sup> No Brasil, Gilberto Freyre, pioneiro neste tipo de pesquisa que utilizava diários, cartas, documentos pessoais como livros de reza, de receitas e de anotações pessoais diversas, teve grande influência de William Thomas. Seus livros *Casa grande & senzala*, *Sobrados e mucambos* e *Ordem e progresso* foram construídos com a utilização desse tipo de materiais, entre outros.

Bogardus<sup>15</sup>. Sua influência nos anos 20s e 30s, do século passado, sobre cientistas norte-americanos foi imensa. Muitas pesquisas acerca dos grupos urbanos e suas tensões e conflitos lançavam mão dos ensinamentos de Park sobre as formas de interações desenvolvidas pelos grupos sociais que formavam as cidades, os espaços urbanos e suas múltiplas formas de sociabilidade.

Robert Park demonstrava que a rivalidade, os conflitos, a adaptação e a assimilação (COULON, 1995, p.43) são formas de interação diversas que se estabelecem nas cidades, as quais têm seus espaços formados não somente em razão das distâncias físicas que se estabelecem, mas também das distâncias sentimentais que são continuamente reforçadas por aquela primeira (PARK, 1979, p.34). Os espaços de segregação (os guetos, as favelas) não são somente lugares que proporcionam a separação física de alguns grupos. Eles propiciam também uma distância sentimental. Ou seja, os grupos encerrados em guetos tornam-se quase invisíveis, não obstante serem eles, muitas vezes, milhares, milhões. São pouco enxergados, pouco amados, pouco respeitados, pouco reconhecidos como dotados de qualidades, de direitos, etc. A distância sentimental significa que não há qualquer empatia entre alguns grupos que compõem o tecido urbano. O que isso significa? Que uns grupos não se importam, de modo algum, com o sofrimento (pobreza, miserabilidade, analfabetismo, violência) dos demais.

Robert Park afirmava que muitas vezes formavam-se cidades dentro de cidades, cuja “característica mais interessante é o fato de ser composta por pessoas da mesma raça, ou por pessoas de raças diferentes, mas da mesma classe social”, como,

<sup>15</sup> Emory Bogardus ficou bastante conhecido na sociologia por criar uma escala que media “estatisticamente a distância entre diferentes grupos sociais, em especial de raças diferentes. Essa escala distribui valores numéricos a tipos de relação que vão do mais íntimo (casamento interétnicos, por exemplo) ao mais afastado (hostilidade e exclusão totais)” (COULON, 1995, p.50). Esta escala criada por ele ficou conhecida como Escala de Bogardus.

por exemplo, as classes trabalhadoras. E o que os sociólogos, perguntava Robert Park, desejam saber acerca desses grupos segregados? Ele respondia:

“É o que queremos saber de todos os demais grupos sociais: Quais são os elementos de que se compõem? Em que medida são eles o produto de um processo seletivo? Como as pessoas entram e saem do grupo assim formado? Quais são a permanência e estabilidade relativas de suas populações? O que existe com relação à idade, sexo, e condição social das pessoas? O que existe com relação às crianças? Quantas nasceram e quantas permaneceram? Qual é a história da vizinhança? O que existe no subconsciente – nas experiências esquecidas ou fracamente lembradas – dessa vizinhança que determina seus sentimentos e atitudes? O que existe perfeitamente consciente, isto é, quais são seus sentimentos, doutrinas etc. reconhecidos? (...) Que modelos imitam e que representam eles dentro ou fora do grupo? Qual é o ritual social, isto é o que se deve fazer, a fim de evitar ser encarado com suspeita ou ser considerado estranho? Quem são os líderes? [Como] exercem o controle?” (PARK, 1979, p.35-6).

Essas perguntas postas por Robert Park são capazes de dar uma ideia bastante exata do que ele buscava no papel de cientista social<sup>16</sup>. A ele interessava não somente às condições objetivas (grau de pobreza, de desemprego, de privação material, educacional, tipo de profissão exercida, formas de trabalho executado, taxas de nascimento, taxas de mortalidade e de sobrevivência) que “balizavam as interações entre os diversos grupos” (COULON, 1995, p.43) sociais, mas também as condições subjetivas

<sup>16</sup> Howard S. Becker, cientista da segunda geração da Escola de Sociologia de Chicago juntamente com Erving Goffman (1988), Anselm Strauss (1961; 1971) e Gary Fine (1995), afirma que esse ensaio de Park sobre *A cidade: sugestões para a investigação do comportamento humano no meio urbano* “consiste em uma série de tópicos em forma de questões, e cada uma delas poderia ser o trabalho da vida de dezenas de pessoas. (...) Park tinha uma visão muito eclética sobre métodos. Qualquer maneira de descobrir algo era boa: método qualitativo, quantitativo, histórico” (BECKER, 1990, p.115).

Bogardus<sup>15</sup>. Sua influência nos anos 20s e 30s, do século passado, sobre cientistas norte-americanos foi imensa. Muitas pesquisas acerca dos grupos urbanos e suas tensões e conflitos lançavam mão dos ensinamentos de Park sobre as formas de interações desenvolvidas pelos grupos sociais que formavam as cidades, os espaços urbanos e suas múltiplas formas de sociabilidade.

Robert Park demonstrava que a rivalidade, os conflitos, a adaptação e a assimilação (COULON, 1995, p.43) são formas de interação diversas que se estabelecem nas cidades, as quais têm seus espaços formados não somente em razão das distâncias físicas que se estabelecem, mas também das distâncias sentimentais que são continuamente reforçadas por aquela primeira (PARK, 1979, p.34). Os espaços de segregação (os guetos, as favelas) não são somente lugares que proporcionam a separação física de alguns grupos. Eles propiciam também uma distância sentimental. Ou seja, os grupos encerrados em guetos tornam-se quase invisíveis, não obstante serem eles, muitas vezes, milhares, milhões. São pouco enxergados, pouco amados, pouco respeitados, pouco reconhecidos como dotados de qualidades, de direitos, etc. A distância sentimental significa que não há qualquer empatia entre alguns grupos que compõem o tecido urbano. O que isso significa? Que uns grupos não se importam, de modo algum, com o sofrimento (pobreza, miserabilidade, analfabetismo, violência) dos demais.

Robert Park afirmava que muitas vezes formavam-se cidades dentro de cidades, cuja “característica mais interessante é o fato de ser composta por pessoas da mesma raça, ou por pessoas de raças diferentes, mas da mesma classe social”, como,

<sup>15</sup> Emory Bogardus ficou bastante conhecido na sociologia por criar uma escala que media “estatisticamente a distância entre diferentes grupos sociais, em especial de raças diferentes. Essa escala distribui valores numéricos a tipos de relação que vão do mais íntimo (casamento interétnicos, por exemplo) ao mais afastado (hostilidade e exclusão totais)” (COULON, 1995, p.50). Esta escala criada por ele ficou conhecida como Escala de Bogardus.

por exemplo, as classes trabalhadoras. E o que os sociólogos, perguntava Robert Park, desejam saber acerca desses grupos segregados? Ele respondia:

“É o que queremos saber de todos os demais grupos sociais: Quais são os elementos de que se compõem? Em que medida são eles o produto de um processo seletivo? Como as pessoas entram e saem do grupo assim formado? Quais são a permanência e estabilidade relativas de suas populações? O que existe com relação à idade, sexo, e condição social das pessoas? O que existe com relação às crianças? Quantas nasceram e quantas permaneceram? Qual é a história da vizinhança? O que existe no subconsciente – nas experiências esquecidas ou fracamente lembradas – dessa vizinhança que determina seus sentimentos e atitudes? O que existe perfeitamente consciente, isto é, quais são seus sentimentos, doutrinas etc. reconhecidos? (...) Que modelos imitam e que representam eles dentro ou fora do grupo? Qual é o ritual social, isto é o que se deve fazer, a fim de evitar ser encarado com suspeita ou ser considerado estranho? Quem são os líderes? [Como] exercem o controle?” (PARK, 1979, p.35-6).

Essas perguntas postas por Robert Park são capazes de dar uma ideia bastante exata do que ele buscava no papel de cientista social<sup>16</sup>. A ele interessava não somente as condições objetivas (grau de pobreza, de desemprego, de privação material, educacional, tipo de profissão exercida, formas de trabalho executado, taxas de nascimento, taxas de mortalidade e de sobrevivência) que “balizavam as interações entre os diversos grupos” (COULON, 1995, p.43) sociais, mas também as condições subjetivas

<sup>16</sup> Howard S. Becker, cientista da segunda geração da Escola de Sociologia de Chicago juntamente com Erving Goffman (1988), Anselm Strauss (1961; 1971) e Gary Fine (1995), afirma que esse ensaio de Park sobre *A cidade: sugestões para a investigação do comportamento humano no meio urbano* “consiste em uma série de tópicos em forma de questões, e cada uma delas poderia ser o trabalho da vida de dezenas de pessoas. (...) Park tinha uma visão muito eclética sobre métodos. Qualquer maneira de descobrir algo era boa: método qualitativo, quantitativo, histórico” (BECKER, 1990, p.115).

(sentimentos, atitudes, representações internalizadas pelos indivíduos) que jogam um papel fundamental na definição do tipo de aproximação, distanciamento, conflito, organização, desorganização, reorganização e adaptação vivenciadas por muitos grupos que formam os muitos fios enlaçados do tecido urbano.

No texto *A cidade: sugestões para a investigação do comportamento humano no meio urbano*, publicado pela primeira vez em 1916, Robert Park fazia uma discussão detalhada sobre os efeitos da ideia de vocação sobre a forma de organização do trabalho no âmbito das grandes cidades. Discutia ele, ainda, a divisão do trabalho como uma disciplina que molda o caráter das pessoas e dos tipos vocacionais produzidos para racionalizar as formas de ocupação. É por isso que, para ele, a sociologia tinha de estudar, não grupos amplos de profissionais, tais como os trabalhadores de modo geral, mas sim os diversos tipos produzidos pela divisão do trabalho urbano.

“Entre os tipos cujo estudo poderia interessar estão: a vendedora, o guarda, o camelô, o chofer de taxi, o vigia noturno, (...) o comediante do teatro de revista, o médico charlatão, o balconista de bar, o carcereiro, o furador de greve, o agitador trabalhista, o professor de escola, o repórter (...); todos estes são produtos característicos das condições da vida cidadina; cada um, com sua experiência, perspectiva e ponto de vista específicos” (PARK, 1979, p.38).

E para estudar esses muitos tipos de trabalhadores urbanos, quais são as indagações-chave que devem os sociólogos fazer em seus estudos? Um bom ponto de partida poderia ser dado pelas seguintes questões:

“Até que ponto o sucesso nas ocupações depende de julgamento ponderado e de senso comum; até que ponto depende de capacidade técnica? Capacidade inata ou treinamento especial determinam o sucesso nas diferentes vocações? Qual o prestígio

e quais os preconceitos associados a diferentes ofícios e profissões? Por quê? A escolha da ocupação é determinada por considerações sentimentais, econômicas ou temperamentais? Em que profissões os homens se saem melhor? Por que? E as mulheres? Por que? Em que medida a ocupação, mais do que a associação, é responsável pelas predileções morais e atitude mental? Homens da mesma profissão ou ofício, mas representando nacionalidades diferentes e grupos culturais diferentes, sustentam opiniões características e idênticas? As classes sociais tendem a assumir o caráter de grupos culturais? Vale dizer, as classes tendem a adquirir a exclusividade e independência de uma casta ou nacionalidade; ou cada classe é sempre dependente da existência de outra classe correspondente? Em que medida os indivíduos passam de uma classe à outra, e de que maneira este fato modifica o caráter das relações de classe?” (PARK, 1979, p.39).

Observe-se que Robert Park, de modo bastante didático, fornece indagações que, em alguns casos, podem servir de apoio para a construção de objetos, problemas sociológicos e hipóteses. Visualiza-se, em algumas indagações, já uma formulação de um problema sociológico. Ao perguntar se a ocupação, mais do que a associação, é responsável por predileções e atitudes mentais, ele coloca os elementos centrais para a construção de objetos, problemas e hipóteses. Isso mostra que a exposição feita por Park constitui-se uma forma de orientação de pesquisa que vai desde a construção do objeto até a construção dos dados.

Outra indagação que aparece em seu texto sobre as cidades e os comportamentos urbanos é a seguinte: Os estudos dos tipos urbanos são incongruentes com os estudos das relações de classe<sup>17</sup>?

<sup>17</sup> Louis Wirth, também um representante importante da Escola sociológica de Chicago, publicou um artigo intitulado O urbanismo como modo de vida, em 1938, no qual ele mostrava que a variedade de tipos de personalidades no ambiente urbano tornava extremamente complexa a estrutura de classes e a estratificação social. Alguns indivíduos aceitam melhor a instabilidade e a insegurança que outros. Isto leva a atitudes diferentes dentro de uma mesma classe. Um estudo das cidades e de seus múltiplos agrupamentos teria de atentar para os efeitos sociológicos da heterogeneidade (WIRTH, 1979).

Ele responde: não são. Isto porque os tipos profissionais urbanos revelam os elementos culturais, sociais, as representações e os valores que sustentam e dão substancialidade às classes sociais. Todavia, a solidariedade entre grupos e classes está fundada “não sobre sentimentos e hábitos, mas sobre uma comunidade de interesses” (PARK, 1979, p.39). O que não significava que toda a análise deveria estar voltada para desvendar somente interesses e não sentimentos. Sob alguns aspectos a análise desses últimos é fundamental, já que através deles se compreendem as atitudes e os motivos da ação. Os sentimentos são construções históricas de indivíduos e/ou grupos e entendê-los é entender as disposições herdadas ou adquiridas.

Os preconceitos que alguns grupos nutrem e passam como herança a outros grupos servem também para ilustrar o que é uma dada forma de disposição. Nos EUA, o ódio racial de brancos contra os negros é um tipo de disposição herdada. Os conflitos entre alguns grupos, que convivem num mesmo espaço urbano, podem levar a uma não-aceitação do outro (indisposição adquirida). As gangues podem exigir que, para alguém ser um de seus membros, é necessário odiar, de modo empedernido, indivíduos com características X ou Y. Isto é um exemplo de disposição adquirida que se expressa através de sentimentos formados a partir da experiência do indivíduo.

O espaço urbano é formado por sentimentos e interesses. A sociologia deve desvendar tanto os primeiros quanto os segundos. Como podem relacionar-se a julgamentos, a preconceitos e tabus, os sentimentos servem para manter distâncias sociais e um dado padrão de organização da sociedade. Os interesses, por serem mais racionais, são capazes de promover, segundo Park, mudanças e mobilidades. Quanto mais o espaço urbano for orientado por interesses, menos petrificadas são as relações mantenedoras de determinadas situações de preconceitos, discriminações e julgamentos. Ao contrário, quando o

tecido urbano está eivado de sentimentos irracionais, ganha proeminência toda forma de conservadorismo.

#### *O modo de vida urbano: as tensões e os controles sociais*

Ficavam evidenciadas, nas preocupações dos sociólogos da Escola de Chicago, as tentativas de caracterizar o que eram os modos de vida e os diversos comportamentos urbanos. Louis Wirth em *O urbanismo como modo de vida* (1979), texto publicado em 1938, assumia a tarefa de esclarecer quais caminhos deveriam ser seguidos para realizar pesquisas sociológicas acerca do mundo urbano, o qual parecia ainda extremamente desafiador para o cientista social. Entre suas várias sugestões de enfrentamento do enigmático modo de vida desenvolvido nas cidades, de diversos portes e tipos, ele sugeria que a investigação empírica era essencial para “focalizar mais distintamente os problemas e processos” (WIRTH, 1979, p.106) urbanos. Suas análises estavam fortemente ancoradas na defesa da necessidade de realização de pesquisas que fossem capazes de detalhar os traços reveladores de comportamentos tanto semelhantes quanto heterogêneos que prevaleciam nas cidades. Ele afirmava:

“O urbanismo como um modo de vida característico pode ser abordado empiricamente de três perspectivas inter-relacionadas: 1)- como uma estrutura física consistindo uma base de população, uma tecnologia e uma ordem ecológica; 2)- como um sistema de organização social envolvendo uma estrutura social característica, uma série de instituições sociais e um modelo típico de relações sociais; 3)- como um conjunto de atitudes de ideias e uma constelação de personalidades dedicadas a formas típicas do comportamento coletivo e sujeitas a mecanismos característicos de controle social” (WIRTH, 1979, p.107).

A organização econômica, política, jurídica e cultural urbana<sup>18</sup> gera comportamentos semelhantes, mas não impedem que surjam comportamentos que se distinguem inteiramente da média. Há uma distinção interessante na obra de Louis Wirth sobre o urbanismo como forma de organização social que tende a desenvolver padronizações de atitudes e comportamentos assentados tanto na produção e no consumo de massa quanto na publicidade e propaganda niveladoras, as quais são difundidas pelos meios de comunicação, escolas, etc. “O processo político conforme aparece na vida urbana não poderia ser entendido sem levarmos em conta os apelos à massa por meio das modernas técnicas de propaganda” (WIRTH, 1979, p.106).

A análise posta nesses termos levaria à suposição de que o indivíduo desaparece na massa, no coletivo. Louis Wirth peleja em suas discussões para demonstrar que a análise sociológica tem de operar ao mesmo tempo com dois processos: o que homogeneiza e o que potencializa processos de heterogeneidades. Isso pode parecer contraditório, mas é tão contraditório quanto a própria vida urbana e suas muitas complexidades. Para ele, a sociologia deveria, ao longo do século XX, construir instrumentos capazes de compreender não só a personalidade urbana e o comportamento coletivo, mas também as especificidades e singularidades que vão sendo geradas no interior das cidades.

Ao se falar nas cidades, em heterogeneidades, fala-se em tensões e em controles sociais. Foi em razão das primeiras e dos segundos que a Escola sociológica de Chicago produziu uma parte expressiva de suas pesquisas.

<sup>18</sup> “Apesar do predomínio do urbanismo no mundo urbano, ainda sentimos falta de uma definição sociológica do que seja cidade, a qual levaria em conta, adequadamente, o fato de que, enquanto a cidade é o local característico do urbanismo, o modo de vida urbano não se confina às cidades. Para finalidades sociológicas, uma cidade é uma fixação relativamente grande, densa e permanente de indivíduos heterogêneos” (WIRTH, 1979, p.113).

Não se deve esquecer que aquilo que era investigado por esse grupo de pensadores eram problemas que eclodiam nas grandes cidades norte-americanas na primeira metade do século XX<sup>19</sup>. As violentas tensões raciais que vinham à tona deveriam ser investigadas detalhadamente para que fosse possível compreendê-las, de modo profundo, e, assim, produzir sugestões de procedimentos e de ações para enfrentar as dificuldades mais candentes.

Everett Hughes<sup>20</sup> (1897-1983) e Louis Wirth estudaram as escolas públicas de Chicago para compreender a segregação racial e as tensões provocadas por ela<sup>21</sup>. Suas pesquisas pretendiam compreender os fundamentos da segregação para gerar um relatório capaz de indicar o que deveria ser feito para tornar melhores as escolas que viviam em meio a tensões fortemente desagregadoras. Isso indica que esses pesquisadores estavam voltados para a compreensão e solução dos problemas sociais. Não havia, por parte deles, interesse em se tornarem especialistas em teorias, como ocorreu, após a ascensão de Talcott Parsons na sociologia americana<sup>22</sup>.

Em vista desse objetivo de intervir na realidade é que floresceram inúmeras pesquisas sobre “as interações étnicas e as tensões raciais” (COULON, 1995, p.47) na cidade de Chicago. O sociólogo Charles Johnson (1893-1956) fez uma pesquisa empírica reveladora das relações raciais e da natureza das tensões

<sup>19</sup> “Em julho e agosto de 1919, violentos tumultos irromperam em Chicago durante uma semana. Deles resultaram 38 mortos (dos quais 23 negros) e várias centenas de feridos” (COULON, 1995, p.47).

<sup>20</sup> De Everett Hughes ver as seguintes obras; (HUGHES, 1958; HUGHES; BECKER et al, 1961).

<sup>21</sup> Sobre essa pesquisa ver: (BECKER, 1990).

<sup>22</sup> Segundo Becker, Parsons prestou um grande desserviço “quando tornou possível para as pessoas terem a teoria como especialidade. Antes dele, acho que ninguém era teórico como especialidade. As pessoas trabalhavam e pensavam sobre os assuntos (...). Com Parsons a teoria passou a ser um campo específico. [Os alunos de Parsons tinham ideias] tão abstratas tão gerais que não forneciam nenhuma pista para eles lidar com qualquer estudo de fenômenos sociais concretos” (BECKER, 1990, p.130).

que estavam presentes naquele momento numa grande cidade norte-americana. Que tipo de pesquisa ele se propôs a fazer? Entrevistas com brancos e negros, histórias de vida, questionários e levantamento de matérias nos jornais sobre conflitos raciais. Os resultados de suas pesquisas foram organizados num relatório visando-se fornecer elementos para as autoridades e a sociedade lidarem com os conflitos de modo construtivo. Ou seja, sem a criminalização indiscriminada de grupos inteiros.

Ressaltava ele que havia muitas razões, ainda não estudadas, para esses tumultos e tensões raciais. Os negros tendiam a corresponsabilizar a imprensa pelos conflitos porque ela relatava os fatos de modo a favorecer os brancos. Johnson (1922), baseado inteiramente na proposta de R. Park, estudou detalhadamente as relações, as interações, os conflitos e as tensões entre os negros e os migrantes brancos que viviam em Chicago.

Os estudos de Charles Johnson, o qual fazia parte de uma comissão voltada a pesquisar e propor medidas para combater as causas das tensões raciais<sup>23</sup>, detectavam

“nas atividades ordinárias da vida cotidiana, tais como a frequência às lojas, aos cinemas e aos restaurantes, não havia segregação ‘oficial’. Mas a comissão descobriu que havia uma segregação clandestina contra os negros. Por exemplo, muitas vezes eram acusados pelos operários brancos de serem fura-greves; a opinião pública, apoiada pela imprensa, tinha um papel decisivo nas tensões sociais” (COULON, 1995, p. 49).

Charles Johnson não era o único cientista social negro, que havia sido aluno de Park, a estudar as relações étnicas e os conflitos raciais. Ganham destaque também os estudos de Bertram Doyle (1937) sobre o modo como as distâncias sociais

<sup>23</sup> Coulon afirma que entre as medidas sugeridas pela comissão estavam: processo judicial contra os provocadores dos tumultos e violências, controles dos lugares de lazer e dos clubes esportivos, melhoria das moradias e das escolas dos negros, entre outras (COULON, 1995, p. 49).

eram produzidas e reproduzidas de modo a manter estanque uma ordem social que tinha como pilar o reforço continuado de que cada grupo deveria manter-se em seus devidos lugares. Esse processo ia tentando matar todo e qualquer desejo de mudança. Solidificava-se a ideia de que cada um deveria permanecer circunscrito aos limites de seus grupos étnicos visto que as relações dificultavam o desenvolvimento de interesses racionais capazes de pautar processos de mudanças.

É possível afirmar que estava no centro das discussões de Bertram Doyle a convicção, já presente nos estudos de Robert Park, de que as tensões estavam, muitas vezes, orientadas por sentimentos e não por interesses. A luta fundada em sentimentos (ódio racial, por exemplo) gera violências e tumultos. A luta fundada em interesses claramente definidos pode gerar mudanças substanciais na vida das pessoas, já que os enfrentamentos se dão em torno de questões racionais e não de sentimentos irracionais, tais como ódios e preconceitos. Percebe-se, então, que, nos dois últimos pensadores mencionados, o conflito étnico e racial é uma etapa, na vida dos grupos distintos, e ocorre por não haver ainda o desenvolvimento de uma luta fundada em interesses<sup>24</sup>. Ideia que William Brown (1899-1969) recusou inteiramente.

“Segundo ele, o conflito não constitui apenas uma etapa ao longo da história das duas comunidades, a branca e a negra. Ao contrário, ele é endêmico, e de fato marca cada uma das fases do ciclo de relações étnicas entre as duas comunidades. (...) A cultura negra é considerada inferior, os negros são marginalizados e ideologias antagônicas estabelecem-se em cada uma das comunidades. É por isso que, segundo Brown (1930), nunca poderia haver uma assimilação completa da comunidade negra, sempre inferiorizada pela cultura e a ordem social brancas” (COULON, 1995, p. 52).

<sup>24</sup> Robert Park (1979) considerava que as relações étnicas percorriam algumas etapas e cada etapa posterior representava avanços em relação à anterior. As quatro etapas principais eram: rivalidade, conflito, adaptação, assimilação (COULON, 1995, p.43).

## As cidades e os comportamentos criminosos

No texto *A cidade: sugestões para a investigação do comportamento humano no meio urbano*, Robert Park já delineava, em 1916, um roteiro de estudos sobre criminalidade que foi seguido pelos pesquisadores futuros. Howard Becker (1990) afirma: “este ensaio consiste em uma série de tópicos em forma de questões, e cada uma delas poderia ser o trabalho da vida de dezenas de pessoas” (BECKER, 1990, p.117). No item *Relações secundárias e controle social* do artigo acima mencionado, Park faz diversas considerações sobre o modo como o crime deveria ser estudado sociologicamente. Para ele, o ambiente urbano teria de ser esmiuçado em seus modos de sociabilidade e controle para que fosse possível lançar luzes sobre o crime, a criminalidade e os criminosos. Para isso era necessário investigar, por exemplo, “em que regiões e classes são endêmicos certos tipos de crimes?” (PARK, 1979, p.48). Segundo ele, havia muitas estatísticas de crimes, todavia, estas deveriam ser analisadas sociologicamente.

A análise sociológica teria de pensar as condições de vida urbanas como um todo para tentar compreender os comportamentos criminosos. Por isso Park advogava a necessidade de estudar a família, a escola, a igreja, a migração, os conflitos, entre outros, como uma forma de encontrar um caminho para entender o comportamento criminoso. Sendo assim, fazia-se necessário pesquisar a juventude e suas representações de mundo, as mudanças geracionais e seus reajustamentos na vida das pessoas, as respostas das instituições aos desafios postos pelas novas gerações, as (im)possibilidades de mobilidade social e a reação das novas gerações às dificuldades de ascensão social. Era necessário verificar, ainda, o modo como as instituições (escola, família, Estado) e os grupos diversos reagem a delinquência de modo geral.

Alain Coulon (1995) afirma que a Escola de Sociologia de Chicago desenvolveu os mais expressivos estudos sobre

criminalidade e delinquência juvenil. As contribuições dos cientistas desse grupo foram enormes e marcaram definitivamente a análise sociológica acerca dessas temáticas, especificamente. Na verdade, aos estudos dos processos migratórios somavam-se as pesquisas sobre criminalidade e comportamento criminoso. Eles demonstravam que a explosão dos crimes fazia parte das diversas ondas migratórias. Buscava-se correlacionar os comportamentos criminosos aos demais problemas e desajustes gerados pelo crescimento e pela forma de distribuição da população no território urbano (PARK, 1979).

Um dado que merece destaque nos estudos sobre criminalidade é o modo como alguns pesquisadores da Escola de Sociologia de Chicago faziam uma correlação direta entre as condições de vida, de precariedade de emprego, de escolarização e de moradia, existentes nas periferias, e a formação de grupos, de bandos, de gangues violentas, etc. Isso ficou muito claro no estudo, publicado em 1923, de Frederic Thrasher (1892-1962) sobre as gangues em Chicago, no qual ele estudou 1313 delas. O resultado dessa pesquisa foi publicado no livro *The gang* (THRASHER, 1966). Qual era a tese principal defendida por ele? A delinquência e a criminalidade não poderiam jamais ser explicadas a partir de um raciocínio lombrosiano, ou seja, aquele que considera o criminoso como alguém que já nasceu dotado de características geneticamente indicadoras da possibilidade de cometer delitos. Nesta perspectiva, alguns indivíduos nasciam destinados a serem criminosos. É a tese do criminoso nato de Cesare Lombroso (1835-1909)<sup>25</sup>.

Em oposição absoluta a esta convicção, Frederic Thrasher procurava demonstrar que a delinquência poderia “ser explicada pelo modo de vida e de moradia dos jovens que

<sup>25</sup> O criminalista italiano Cesare Lombroso influenciou muitos estudiosos com suas teses sobre a determinação genética do crime. Alguns indivíduos, segundo ele, nasciam predestinados a cometer atos criminosos. Suas características físicas já indicavam que eram criminosos natos.

outras como sociedade secreta, outras como uma federação. Algumas atuam através de alianças outras não. Algumas possuem um caráter mais duradouro, outras se desgastam mais rapidamente. A lealdade aos líderes e a autoridade de alguns indivíduos sobre os demais tanto podem ser duradouras – isso caracteriza as gangues solidificadas - quanto podem ser passageiras, o que é um traço das gangues difusas.

“A delinquência não pode ser considerada senão como resultado de uma situação complexa em que ele se encontra e da qual não consegue escapar (...). Os rapazes ‘maus’ são em grande medida criados por fatores de desorganização que resultam das condições confusas em que se encontram a vida americana. Uma vida familiar inadequada, a pobreza, um ambiente deteriorado, (...), uma educação falha e lazeres inexistentes formam, em seu conjunto, a matriz do desenvolvimento das gangues” (THRASHER apud COULON, 1995, p.66).

Observe-se que as guerras entre as gangues em Chicago, na década de 1920, eram tão violentas que uma associação da justiça criminal decidiu fazer um amplo levantamento sobre gangues e criminalidades. De tais pesquisas participaram os sociólogos da Universidade de Chicago (COULON, 1995). Entre eles estava John Landesco<sup>27</sup> (1979) que preparou um relatório demonstrando que “havia um elo entre o crime e a organização social da cidade” (COULON, 1995, p.67). Essa discussão de que a vida social produz tanto os indivíduos que abominam as práticas criminosas quanto aqueles que fazem da infração das regras e da lei uma regularidade, recuperava, de certa forma, as questões postas por Gabriel Tarde, no início do século XX, sobre o crime organizado. Tarde afirmava: “a dificuldade não é encontrar crimes coletivos, mas descobrir crimes que não contenham,

<sup>27</sup> A pesquisa de John Landesco foi publicada pela primeira vez em 1929 pela Illinois Association for Criminal Justice.

que não impliquem em grau nenhum a cumplicidade do meio” (TARDE, 1992, p.156).

Entre os estudos sobre criminalidade, há um que se destacou: o de Clifford Shaw denominado *The Jack-Roller*<sup>28</sup> sobre delinquência juvenil (1966). Nele há uma pesquisa centrada na história de vida de um garoto chamado Stanley que praticava pequenos furtos. Como a pesquisa foi realizada? Shaw convenceu o adolescente a escrever um relato sobre a sua vida. Isso objetivava extrair do jovem pesquisado os dados suficientes para a compreensão da “delinquência do ponto de vista do delinquente” (BECKER, 1966, p.6).

Clifford Shaw preocupava-se em esclarecer que os históricos de vida eram uma forma de pesquisa que requeria a verificação cruzada com outras fontes (dados familiares, escolares, médicos, psicológicos, etc.). Essa era uma forma de obter um número maior de informações sobre aquele que está sendo pesquisado. Ele dizia que a existência de várias fontes daria uma dimensão mais apurada do modo como a pessoa constrói a sua própria história. As invenções, os preconceitos, as fantasias e as ficções são também elementos essenciais para o estudo das atitudes e dos comportamentos.

Note-se que, para esse tipo de investigação, interessam as atitudes pessoais, os sentimentos, os valores e os interesses daqueles que estão sendo pesquisados. É um tipo de análise que objetiva entender a razão dos procedimentos, das ações e dos comportamentos humanos na geração de determinadas situações e consequências.

Por fim, deve-se dizer que mais dois livros sobre delinquência juvenil, produzidos pelos pesquisadores da Escola de Chicago, foram fundamentais para a sociologia da criminalidade. Essas duas obras intituladas *Áreas de delinquência*

<sup>28</sup> A obra intitulada *The Jack-Roller* foi publicada pela primeira vez em 1930. É designado como Jack-Roller o batedor de carteiras.

(SHAW; ZOIRBAUGH; MCKAY; COTTRELL, 1929) e *Delinquência juvenil e áreas urbanas* (SHAW e MCKAY 1969<sup>29</sup>) tratavam das áreas urbanas nas quais havia taxas altas de criminalidade. Através de pesquisas empíricas cuidadosas, os autores acima mencionados demonstravam que a existência de bairros e regiões com habitações precárias acompanhadas da ausência de lazer construtivo, de boas escolas e de qualquer expectativa de trabalho era o fator explicativo, por excelência, das altas taxas de criminalidade entre os jovens. Segundo eles, “a delinquência urbana dos jovens deve ser explicada por fatores sociais” (COULON, 1995, p.75).

E de que modo chegaram a essa constatação? Através de diversos dados que demonstravam “que, nessas regiões de delinquência urbana, as taxas de desemprego e de suicídio eram mais elevadas, a população era mais doente, a mortalidade infantil mais frequente, as famílias mais dissociadas e a criminalidade adulta muito disseminada” (COULON, 1995, p.75).

Num momento em que havia uma forte convicção de que a delinquência dos jovens estava associada ao fato de serem eles filhos de migrantes, C. Shaw e McKay atestavam que ninguém era delinquente por ser negro e/ou descendente de estrangeiros. A delinquência era resultado da “situação em que vivem” (SHAW e MCKAY, 1969, p.164) os jovens. As condições sociais absolutamente degradantes iam gerando, cotidianamente, um modo de vida que desaguava, em alguns casos, na criminalidade. Não somente porque havia pobreza e miserabilidade, mas também porque, em algumas áreas, passava a vigorar formas de exaltação do comportamento criminoso. Ou seja, ser membro de uma gangue poderia ser fator de *status* dentro do grupo.

Como os estudiosos da delinquência juvenil pretendiam realizar uma análise propositiva, eles insistiam que a diminuição

<sup>29</sup> A primeira edição do livro intitulado *Delinquência juvenil e áreas urbanas*, de Clifford Shaw e Henry McKay foi publicada em 1942.

da criminalidade passava por um amplo investimento de recuperação das áreas deterioradas. Além disso, fazia-se necessário, ainda, o desenvolvimento de atividades que restaurassem os vínculos entre os moradores e ampliassem o interesse de todos os habitantes dessas regiões pela vida dos jovens. As famílias dessas regiões paupérrimas teriam de obter auxílios e as relações de vizinhança e a escola deveriam estimular ações em prol da construção de melhorias da paisagem física e social dos bairros pobres. O problema era de natureza econômica e social. Por isso, deveriam ser operadas ações de melhorias materiais e imateriais.

A única saída era criar uma paisagem física e uma paisagem social onde os jovens crescessem sem estímulos para a delinquência. Seu cotidiano deveria ser desfavorável a todo tipo de crime. Suas relações, seus valores, suas crenças e suas condições econômicas teriam de indicar-lhes saídas distintas daquelas acenadas pelo envolvimento com o crime. Clifford Shaw, em 1932, criou um projeto “com uma meta simultânea de pesquisa científica e de mudança social. O programa era gerido pelos próprios moradores, que foram seus melhores promotores” (COULON, 1995, p.76).

### Considerações finais

Demonstrou-se que os estudos produzidos pelos pesquisadores da Escola de Sociologia de Chicago foram de grande importância para a Sociologia no século XX. A preocupação recorrente com os problemas urbanos gerou análises que servem como pano de fundo para inúmeros estudos acerca da vida nas cidades e dos desafios postos pelas muitas formas de segregação geradas pelo modo de organização da paisagem física e social.

Tendo como objetivo produzir um conhecimento capaz de dar respaldo a processos de mudança social, os cientistas sociais que herdaram os desafiantes problemas sociológicos postos por Robert Park, construíram um percurso ímpar na sociologia ao se debruçarem sobre os temas da migração, das relações raciais e da delinquência. Todos eles estavam convencidos da necessidade de realizar pesquisas que tivessem como ponto de partida o olhar dos agentes pesquisados acerca de suas próprias situações. Os comportamentos, as atitudes, as condutas dos indivíduos deveriam ser examinados à luz do modo como os indivíduos, envolvidos nas condições e circunstâncias pesquisadas, viam sua própria vida e (im)possibilidades.

E qual era a razão da exaltação da importância desse tipo de pesquisa? O motivo era de natureza prática. Ou seja, o conhecimento deveria produzir propostas de ação e de intervenção em favor da solução dos problemas sociais. Note-se que as grandes cidades, na primeira metade do século XX, apareciam como grandes laboratórios de estudos para os sociólogos que eram impelidos a produzir explicações para os desafios que iam sendo tecidos por uma sociabilidade urbana geradora das mais diversas formas de convívio, de comportamento e de atitudes.

Por fim, pode-se dizer que um dos legados mais importantes desses pensadores norte-americanos foi o empenho em desenvolver técnicas valiosíssimas de pesquisas qualitativas que propiciaram aos cientistas a expansão de estudos calcados em documentos pessoais (autobiografias, cartas, diários, relatos, depoimentos, testemunhos, etc.). Não se pode pensar, no entanto, que não havia, entre eles, qualquer apreço pela pesquisa quantitativa. Conforme declarou o próprio Bogardus, citado anteriormente, Robert Park sugeria a seus alunos que os dados subjetivos levantados fossem apresentados de modo objetivo. Levando essa orientação ao pé da letra, Bogardus criou uma

escala para medir os tipos de relação (íntima, tolerante, hostil), entre os diversos grupos étnicos.

Estudar o conjunto de obras deixadas pelos cientistas da Escola de Sociologia de Chicago auxilia, significativamente, no entendimento de muitos problemas que persistem nas áreas urbanas de diversas partes do mundo. Pobreza, desigualdades, criminalidades, segregação de diversas naturezas, delinquência juvenil e exclusões são também, no século XXI, os grandes desafios postos aos sociólogos de diversas gerações e de todos os continentes.

## Referências

- BARBALHO, Alexandre. Sociologia da diferença. *O Povo*, Fortaleza, 29 dez 2002. Caderno Vida & Arte, p.12.
- BECKER, Howard S. Introdução In SHAW, C.R. *The Jack-Roller: A delinquent boy's own story*. Chicago, University of Chicago Press, 1966. P.6
- BECKER, Howard S. Entrevista. *Estudos históricos*, Rio de Janeiro, v.3, n.5, p.114-136, 1990.
- BROWN, William. *Race prejudice: a sociological study*. Chicago, University of Chicago, 1930.
- COULON, Alain. *A Escola de Chicago*. Campinas, Papirus, 1995.
- COULON, Alain. *Etnometodologia*. Petrópolis, Vozes, 1995a.
- CORCUFF, Philippe. *As novas sociologias*. Bauru(SP), Edusc, 2001.
- DOYLE, Bertram. *The etiquette of race relations in the south: a study in social control*. Chicago, University of Chicago, 1937.
- DURKHEIM, Emile. *As regras do método sociológico*. São Paulo, Nacional, 1984.

EUFRASIO, Mário. Resenha: *El campesino Polaco em Europa y em América*. *Cadernos Ceru*, São Paulo, v.19, n.2, p.1-3, dez.2008.

EUFRASIO, Mário. *Estrutura urbana e ecologia humana: a escola de Chicago: 1915-1940*. São Paulo, Editora 34, 1999.

FINE, Gary A. (Ed.). *A second Chicago School? The development of a postwar American sociology*. Chicago/London, The University of Chicago Press, 1995.

GOFFMAN, Erving. *Estigma*. Rio de Janeiro, Guanabara, 1988.

HUGHES, Everett. *Men and their work*. Glencoe, The Free Press, 1958.

HUGHES, Everett; BECKER, Howard et al. *Boys in white: students culture in medical school*. Chicago, University of Chicago, 1961.

JOHNSON, Charles. *The negro in Chicago: a study of race relations and a race riot in 1919*. Chicago, University of Chicago Press, 1922.

JOSEPH, Isaac. *Erving Goffman e a microsociologia*. Rio de Janeiro, FGV, 2000.

JOSEPH, Isaac. A escola de Chicago. In Valadares, L. do P. (org.). *A escola de Chicago*. Rio de Janeiro, Belo Horizonte, IUPERJ/UCAM, UFMG, 2005.

LENDESCO, John. *Organized crime in Chicago*. Chicago, University of Chicago Press, 1979.

PARK, Robert. A cidade: sugestões para a investigação do comportamento humano no meio urbano In Velho, O. G (org.) *O fenômeno urbano*. Rio de Janeiro, Zahar, 1979. P. 26-67.

ROCHER, Guy. *Talcott Parsons e a Sociologia americana*. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1976.

SHAW, Clifford. *The Jack-Roller: A delinquent boy's own story*. Chicago, University of Chicago Press, 1966.

SHAW, Clifford; ZOIRBAUGH, Frederic; MCKAY, Henry; COTTRELL, Leonard. *Delinquency areas*. Chicago, University of Chicago, 1929.

SHAW, Clifford e MCKAY, Henry. *Juvenile delinquency and urban areas*. Chicago, University of Chicago, 1969.

SIMMEL, Georg. A metrópole e a vida mental. In Velho, O. G (org.) *O fenômeno urbano*. Rio de Janeiro, Zahar, 1979. P. 11-25.

SIMMEL, Georg. *Questões fundamentais da Sociologia*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 2006.

STRAUSS, Anselm. *Images of the American city*. New York, Free Press, 1961.

STRAUSS, Anselm. *The context of social mobility*. Chicago, Aldine, 1971.

TARDE, Gabriel. As multidões e as seitas criminosas. In *A opinião e as massas*. São Paulo, Martins Fontes, 1992. P.155-209.

THEMUDO, Tiago S. *Gabriel Tarde: Sociologia e subjetividade*. Rio de Janeiro, Relume Dumará, 2002.

THOMAS, William e ZNANIECKI, Florian. *El campesino polaco en Europa y en América*. Madrid, Boletim Oficial/Centro de Investigaciones Sociológicas, 2004.

THOMAS, William. O problema da personalidade no ambiente urbano. *Plural*, São Paulo, n.8, p.145-156, 2001.

THRASHER, Frederic. *The gang. A study of 1313 gangs in Chicago*. Chicago, University of Chicago Press, 1966.

VARGAS, Eduardo V. Gabriel Tarde e a diferença infinitesimal. In TARDE, G. *Monadologia e Sociologia e outros ensaios*. Rio de Janeiro, Cosanaify, 2007.

VARGAS, Eduardo V. *Antes tarde do que nunca: Gabriel Tarde e a emergência das Ciências Sociais*. Rio de Janeiro, ContraCapa, 2000.